



Photography as a teaching resource in geography classes

A fotografia como recurso didático nas aulas de geografia

CALAZANS, Denis Rocha⁽¹⁾; ALMEIDA, Jacqueline Praxedes de⁽²⁾; ARLOTA, Gabriel Londres⁽³⁾

⁽¹⁾  0000-0002-7996-4579; Instituto Federal de Alagoas (IFAL). Maceió, Alagoas (AL), Brasil. denisrc1@yahoo.com.br.

⁽²⁾  0000-0001-7471-504X; Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Maceió, Alagoas (AL), Brasil. jacquedealmeida@yahoo.com.br.

⁽³⁾  0000-0003-1856-2979; Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Maceió, Alagoas (AL), Brasil. glarlota@gmail.com.

O conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos/as seus/as autores/as.

ABSTRACT

The teaching of Physical Geography in schools is a challenge for teachers, either due to the difficulty in the initial training process, caused by a separate curriculum in closed subjects, which fragment the contents and make it difficult to understand the scientific knowledge, or by the lack of pedagogical knowledge, impairing the teaching-learning process of the contents. Thus, we sought to develop, through the actions of the Institutional Program of Teaching Initiation Scholarship (PIBID), edition 2018-2020, of the subproject Geography, a work that stimulated the eyes of the freshman year students of an Integrated High School to exercise the knowledge acquired in class on the subject of relief. The work consisted of guiding and encouraging students to observe the landscape of the areas where they transit and register, through photography, the forms of relief and its modifying actions, especially those of anthropic origin. The students were encouraged to analyze the images and share the results with their classmates. The activity aimed to develop the students' perception of the landscape around them and improve their analysis capability, promoting significant educational action, as well as providing the developing teachers with a better understanding of Physical Geography and the teaching-learning process.

RESUMO

O ensino de Geografia Física nas escolas é um desafio para os professores, seja pela dificuldade no processo de formação inicial, devido a um currículo separado em disciplinas estanques, que fragmenta os conteúdos e dificulta a compreensão do conhecimento científico; seja pela carência de conhecimentos pedagógicos, prejudicando o processo de ensino-aprendizagem dos conteúdos. Assim, buscou-se desenvolver, através das ações do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), edição 2018-2020, do subprojeto Geografia, um trabalho que estimulasse o olhar dos alunos do primeiro ano de uma escola de Ensino Médio Integrado a exercitar os conhecimentos adquiridos em sala sobre o assunto relevo. O trabalho consistiu em orientar e incentivar os alunos a observarem a paisagem das áreas por onde transitam e registrarem, através da fotografia, as formas de relevo e as ações modificadoras deste, principalmente as de origem antrópica. Os alunos foram estimulados a analisar as imagens e socializar os resultados com os colegas de turma. A atividade objetivou desenvolver a percepção dos alunos sobre a paisagem que os cerca e aprimorar a capacidade de análise, promovendo uma ação educativa significativa, bem como propiciar aos professores em formação uma melhor compreensão da Geografia Física e do processo de ensino-aprendizagem.

INFORMAÇÕES DO ARTIGO

Histórico do Artigo:

Submetido: 27/02/2022

Aprovado: 21/03/2022

Publicação: 02/04/2022



Palavras-chaves representativas do trabalho, estas não devem estar contidas no título do artigo.

Keywords:

physical geography, photography, geography teaching, teacher formation.

Palavras-Chave:

geografia física, fotografia, ensino de geografia, formação docente.

Introdução

Segundo Cacete (2015, p. 3),

vários autores caracterizam a sociedade atual como a ‘sociedade da informação e do conhecimento’, e uma sociedade da informação e do conhecimento não existe sem a escola, e, portanto, sem os professores. . . . Neste contexto, é necessário que apontemos que paira sobre o senso comum, bem como sobre alguns ambientes acadêmicos, a ideia de que ‘qualquer um pode ser professor’, bastando saber sobre os conteúdos da sua área de conhecimento.

Acerca dessa visão, presente no senso comum e em alguns ambientes acadêmicos citada por Cacete (2015), Nóvoa (2016, p. 1) expressa que

não se pode ser professor sem combinar três tipos de conhecimento: saber muito bem o conteúdo que se vai ensinar; ter as bases centrais de tudo o que é da pedagogia, das teorias da aprendizagem, sobre a maneira como as crianças aprendem; e depois, ter um conhecimento da profissão, saber como a profissão funciona na prática, qual é o conhecimento profissional, como se organizar nas escolas, como qualificar o trabalho. . . . E quando se desvaloriza um deles, perde-se a dimensão do que é a formação de professores.

Diante do exposto, clarifica-se que ninguém nasce professor, mas forma-se professor, não bastando saber os conteúdos para se exercer a profissão docente, pois a aula não é um ato mecânico de depositar assuntos nas cabeças dos alunos, mas envolve uma série de conhecimentos e de reflexões que devem se fazer presentes nos cursos de formação (Cacete, 2015). Assim, deve ser propiciada aos docentes em formação, nas licenciaturas, a construção dos saberes experienciais, pois é através do exercício de suas funções e na prática de sua profissão, que os professores desenvolvem saberes específicos, baseados em sua ação cotidiana (Tardif, 2014).

Quando se aborda mais especificamente a formação do professor de Geografia, além da forte presença nos cursos de licenciatura da concepção de que basta dominar os conteúdos da sua área de conhecimento para ser professor, ainda há, segundo Cardoso e Silva (2018), nos novos currículos dos cursos de licenciatura em Geografia, uma diminuição dos conteúdos referentes a Climatologia, Geologia, Geomorfologia, Hidrologia e Biogeografia, conhecimentos esses que assumem cada vez menos importância nas matrizes curriculares dos cursos.

Deve-se destacar que, quando esses conteúdos estão presentes nas licenciaturas de Geografia, eles “. . . acabam sendo ensinados de forma fragmentada . . . de forma abstrata e pouco compreensível para os discentes; são ‘cadeiras’ dentro da grade curricular praticamente sem integração com as demais disciplinas do currículo” (Cardoso & Silva, 2018, p. 26). Assim, além de pouco contribuírem para a ampliação dos conhecimentos dos licenciandos, esses

conteúdos ainda são trabalhados de forma diferente daquela que será ensinada em sala de aula e distante da vivência dos alunos. Desse modo,

a formação do professor de Geografia fica precarizado (sic), o que reflete na sua atuação futura na sala de aula. . . ., se a formação do professor na área de Geografia Física não for eficiente, o resultado será um professor que não vai conseguir ministrar os conteúdos da área em sala de aula, e quando o fizer será de forma fragmentada, baseada na memorização, e, conseqüentemente, seus alunos não irão aprender, facilmente esquecerão o que foi ensinado (Cardoso & Silva, 2018, p. 26).

Vale salientar que essa limitação dos conteúdos da Geografia Física nos cursos de graduação reflete na Educação Básica de duas formas que, em muitos casos, se associam e/ou se complementam, são elas: 1) o frágil domínio, pelos professores, dos conhecimentos referentes à área, o que gera receio nos docentes em ministrar os assuntos; 2) a pouca presença ou inexistência desses conteúdos nos livros didáticos. Em relação ao segundo ponto mencionado, Costa e Oliveira (2020) complementam afirmando que, quando a abordagem dos conteúdos físico-naturais estão presentes nos materiais didáticos, na maioria das vezes, são apresentados para os alunos de forma descritiva e com abordagem das dinâmicas naturais de forma estanque e sem considerar a ação antrópica e as derivações ambientais. Esse tipo de abordagem, além de ser pouca atrativa para o aluno, favorece um ensino da Geografia pautado na memorização, dificulta estabelecer uma relação entre o que está sendo estudado com o mundo vivido pelo aluno, bem como dificulta o desenvolvimento da compreensão e da leitura crítica do espaço geográfico.

Assim, não basta que o conteúdo esteja presente no curso de formação de professores de Geografia, havendo a necessidade de que esse profissional também possua conhecimentos relativos às ciências da educação, à pedagogia e a saberes práticos referentes ao funcionamento das escolas, com base em sua experiência cotidiana com os alunos e com os demais colegas de profissão (Tardif, 2014; Nóvoa, 2016).

Em face do exposto, não se pode deixar de citar a contribuição do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) para o processo de formação docente. Esse programa tem auxiliado para a valorização dos cursos de licenciatura e da formação docente, incluindo a de Geografia, através dos vários projetos desenvolvidos na área do Ensino (Cacete, 2015).

Assim, buscou-se desenvolver numa escola pública da cidade de Maceió, estado de Alagoas, através das ações do PIBID Geografia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), um trabalho que estimulasse o olhar dos alunos de três turmas do primeiro ano do Ensino Médio Integrado a utilizar em seu dia a dia os conhecimentos adquiridos em sala de aula sobre o assunto relevo. O trabalho consistiu em orientar e estimular os alunos a observarem a paisagem das áreas por onde transitam, entre a escola e a residência, ou outras a que

eventualmente viessem a ter acesso, e registrar as formas de relevo que lhes chamassem a atenção, bem como as ações de modificação desse relevo, principalmente de origem antrópica. Assim, os alunos foram orientados a analisar as imagens e montar uma apresentação em PowerPoint, PDF ou outro aplicativo semelhante, para exibir em sala de aula e socializar com os colegas suas descobertas, sendo utilizado para o desenvolvimento da atividade o registro fotográfico.

O objetivo da atividade foi, além de contribuir com a formação dos futuros professores, propiciar aos alunos a possibilidade de fazer a ligação do que se estava estudando em sala com o seu cotidiano, através do aprimoramento da observação e do poder de análise, promovendo, assim, uma ação educativa significativa.

O uso da fotografia nas aulas de Geografia

As transformações do mundo atual exigem uma forma de apreensão do mundo que passa necessariamente pelo uso da tecnologia. A facilidade de se obter e produzir imagens torna as pessoas mais susceptíveis a adquirirem conhecimento através desse meio. No entanto, é preciso apurar o olhar, através da aquisição de conhecimentos específicos, para que o uso da imagem seja um aliado no processo de ensino-aprendizagem. Como constata Nogueira (2016), não há como negar a importância da imagem como linguagem visual no mundo contemporâneo, pois ela está presente na vida de quase todos os povos do planeta, desempenhando papel fundamental na leitura e compreensão do mundo, por isso sua utilização pode servir tanto como instrumento de alienação das pessoas como também meio de acesso ao conhecimento.

A Geografia pode se utilizar desse recurso como uma excelente ferramenta para auxiliar os alunos a desenvolverem uma visão crítica sobre o espaço geográfico, tendo em vista que, na última década, o uso de imagens para se comunicar tem sido um dos principais meios difusores de informação entre eles.

Como nos alerta Nogueira (2016, p. 6), "é sempre importante destacar que uma fotografia não representa a verdade absoluta, mas apenas um ponto de vista, que deve ser complementado com outras fontes de informação para que a leitura crítica do espaço atinja os objetivos esperados". Nesse sentido, é papel do professor, e nesse caso do professor de Geografia, buscar formas de contribuir com o aprimoramento e a especialização do olhar, para que os alunos desenvolvam a capacidade de se posicionar criticamente sobre o que veem e de produzir imagens com uma finalidade construtiva, não apenas expondo algo para atender a uma demanda contínua de novidades descartáveis.

As fotografias são representações de algo que contém em si tema e objetivo; não são neutras ou desprovidas de intencionalidade. Segundo Val e Ferraz (2009, p. 4), devemos partir ". . . da premissa de que imagens são ícones carregados de significados, [portanto], que o

mundo é imagético e [que] nós temos a vida dirigida por esses textos não verbais que disciplinam, sugerem, mandam, ampliam e organizam a vida em sociedade”. Assim, o processo de ensino-aprendizagem pode se enriquecer com o advento que a tecnologia proporcionou, socializando em praticamente todas as camadas sociais o recurso da fotografia digital. Dessa forma, proporciona a todos que tenham uma câmera fotográfica ou smartphone a possibilidade de registrar uma paisagem a partir de sua ótica.

As aulas em que o professor admite participações dos alunos, compartilhando seus registros, tornam-se muito mais dinâmicas e interativas, quando comparadas às aulas expositivas que geralmente ocorrem nas salas de aula. Segundo Antônio Filho e Dezan (2014, p.7), “a participação do aluno no coletivo para analisar e criar protocolos de interpretação de fotografias, e principalmente se essas imagens forem produzidas pelos próprios discentes, certamente motivará e despertará seu interesse nas aulas”. Sendo assim, para todos os efeitos, o recurso da fotografia pode ser utilizado como forma de tornar lúdico e contemporâneo o ensino da Geografia, especialmente no assunto relevo, já que essa tecnologia tem a capacidade de transportar o aluno para a paisagem exposta, permitindo observar detalhes dos processos formadores e modificadores da superfície terrestre, fazendo com que o tema tratado seja mais fácil de ser compreendido, principalmente quando o lugar ou a forma não são comuns no cotidiano do discente.

O poder que uma fotografia carrega quando expõe uma paisagem de imponentes montanhas atrelada ao visual frio e gélido do topo de cordilheiras, a altitude de escarpas e desfiladeiros íngremes, a calmaria de uma planície campestre ou litorânea, entre outros exemplos, carrega em si sentimentos e sensações que os alunos podem captar e assim se apropriar do conhecimento, superando em alguns aspectos uma explicação textual ou oral. Como lembra Silva (2017, p. 12),

a fotografia é um recurso que contribui para o entendimento dos conceitos que são trabalhados na Geografia, possibilitando que os alunos tenham uma maior compreensão das modificações que ocorrem no espaço geográfico, levando os mesmos a entender as mudanças observadas no decorrer do tempo.

Assim, o uso da fotografia como recurso didático no ensino de Geografia é hoje importante para dimensionar o espaço geográfico, possibilitando ao aluno uma noção de espacialidade mais profunda, o que contribui significativamente com o processo de ensino-aprendizagem. Além disso, a utilização da fotografia pelos alunos em atividades didáticas pode proporcionar novas percepções do espaço vivido, criando conexões entre os que fazem os registros fotográficos e a realidade que os cerca.

O uso da fotografia como recurso educativo para o estudo do relevo

Guerra e Frota Filho (2018, p. 39) afirmam que

O ensino da disciplina Geografia é elementar na formação acadêmica dos alunos, visto que trabalha com conceitos de ordem espacial e temporal, desempenhando papel basilar na formação da cidadania, consciência e sensibilização ambiental, uma vez que um dos objetivos da disciplina é reconhecer o espaço geográfico como resultado das interações do binômio “sociedade-natureza” e, dessa forma, é importante à compreensão da espacialidade e temporalidade, das interações dos fenômenos naturais e do reconhecimento do relevo e suas transformações, da degradação dos solos, da problemática da ocupação de áreas de risco e seus efeitos.

Já Callai (2005) expressa que analisar ou registrar uma imagem e associá-la à realidade que o cerca, atribuindo-lhe significado, exige uma leitura crítica da paisagem, sendo necessário que o observador possa analisar os elementos visíveis e os não visíveis, sendo esses últimos entendidos a partir da percepção e interpretação dos elementos causais daquela situação.

Nessa perspectiva, o trabalho desenvolvido em três turmas de primeiro ano do Ensino Médio de uma escola pública de Maceió buscou criar condições para promover a apropriação do assunto pelos alunos, utilizando como estratégia o desenvolvimento de uma atividade que os possibilitasse exercitar os conhecimentos estudados. Dessa forma, buscou-se contribuir com a formação crítica dos alunos e com o aprendizado significativo. O trabalho se baseou na observação da paisagem, no registro fotográfico de formas de relevo e na análise e classificação desses registros.

O trabalho objetivou estimular os alunos a fazerem a associação do que estava sendo estudado em sala de aula, formas de relevo, ao seu mundo vivido, devendo os discentes conseguir identificar as formas de relevo, ou parte delas, no seu cotidiano, tornando o estudo da Geografia Física mais significativo. Além da identificação da forma de relevo, o aluno deveria pesquisar suas causas e, quando fosse o caso, agentes modificadores. A atividade foi desenvolvida em cinco etapas.

A primeira etapa do trabalho foi a preparação das aulas em conjunto com os pibidianos. Os assuntos foram divididos em quatro aulas, que abordaram as temáticas ligadas à gênese das formas da superfície da Terra. Segundo Santos e Luiz (2019, p. 233),

O relevo se constitui no conjunto de formas morfológicas da superfície da Terra, incluindo também os processos modeladores destas, tanto derivados da dinâmica superficial quanto da dinâmica interna do planeta. Sendo assim, o estudo do relevo permeia conhecimentos relacionados à forma geral da Terra, às estruturas específicas da irregularidade da superfície terrestre – abrangendo relevo continental e oceânico – e seus processos modeladores, que atuam de

forma direta e/ou indireta no estabelecimento das sociedades, representando o substrato físico onde se assentam as estruturas e ações humanas.

Dessa forma, este trabalho buscou mostrar aos pibidianos a necessidade de eles, enquanto professores, relacionarem em suas aulas as ocorrências geomorfológicas com suas causas, bem como criarem estratégias que favorecessem o aprendizado e a motivação para o aprender. Nesse sentido, foram escolhidas algumas estratégias como: aula utilizando como recurso o computador e o Datashow, para a projeção de fotos e suas representações em desenhos esquemáticos, presentes também no livro didático adotado pela escola; vídeos e animações de curta duração (menos de 1 minuto), mostrando a dinâmica de alguns agentes do relevo; exercício de sala e de casa, para aperfeiçoar o olhar sobre as textualidades imagéticas e seus significados, e a aplicação de um jogo em sala de aula.

Segundo Guerra e Frota Filho (2018), é consenso entre os estudiosos que as formas de relevo são o objeto de estudo da Geomorfologia, sendo essas formas criadas, na maioria das vezes, ao longo de milhões de anos, estando proporcionalmente ligados o tempo e a complexidade de sua formação com a magnitude da forma de relevo estudada. Assim, a segunda etapa foi a de ministrar aulas, nas quais foram lecionados os assuntos: 1ª aula, agentes internos do relevo; 2ª aula, agentes externos do relevo; 3ª e 4ª aulas, formas e classificação do relevo terrestre. Ao final das aulas, os alunos responderam a exercícios sobre o assunto, interagindo com os professores e recorrendo, quando necessário, às imagens utilizadas durante a aula.

Na terceira etapa foi realizado um jogo educativo em sala, no qual os alunos deveriam identificar o tipo de relevo mostrado nas imagens projetadas pelo professor, suas causas e possíveis interferências antrópicas. As formas de relevo utilizadas foram: planalto, planície, vale, serra, montanha, chapada, escarpa, falésia, restinga, depressão, dunas, dolina e cavernas. Essa atividade, além de motivar os alunos, teve o objetivo de “problematizar as imagens que compõem os livros didáticos de Geografia . . . , [pois] a Geografia necessita ser também construída e alargada pelo olhar” (Firmino & Martins, 2017, p. 105).

Nessa fase, optou-se por utilizar fotografias e desenhos, alguns deles do livro didático adotado pela escola, já que as imagens de livros didáticos tendem a constituir “nos sujeitos ideias que, por vezes, são difíceis de serem desconstruídas. . . . paralisando-nos diante das mesmas e impedindo que o nosso pensamento sobre determinado temário se movimente” (Firmino & Martins, 2017, p. 106). Nesse sentido, confrontar imagens idealizadas com suas correspondentes reais, fazendo uma análise crítica, buscando o que está além do idealizado, é abrir a possibilidade para o desenvolvimento de uma visão mais dilatada, que enxergue o mundo para além das imagens-clichê dos livros didáticos.

Segundo Bertolini e Valadão (2009, p. 38), espera-se que o uso de fotografias, imagens (blocos-diagramas), “como mediadores complementares entre o texto escrito – o conceito – e a forma do relevo na realidade . . . , contribua para que o aluno realize de forma autônoma a

transposição didática do conhecimento trazido pelo livro e aquele construído por ele”. No entanto, o desenvolvimento da atividade mostrou que os alunos reconheciam com maior facilidade as formas de relevo representadas em desenhos, apresentando maior dificuldade no reconhecimento através das fotografias. Essa situação em relação às fotografias provocou um número maior de perguntas, respostas e interpretações diferentes por parte dos alunos, mostrando ao professor e aos pibidianos quais as principais dificuldades dos alunos em relação ao conteúdo, o que permitiu o diálogo mais aprofundado sobre os conceitos e sobre os elementos causais de cada ocorrência de relevo mostrada nas imagens, possibilitando sanar as dificuldades em relação ao assunto estudado.

A quarta etapa consistiu na organização das turmas em grupos de aproximadamente seis alunos, para que fizessem o registro fotográfico de formas de relevo que eles encontrassem no caminho casa-escola, como também em outros locais por onde transitassem. Além das formas de relevo, os alunos deveriam registrar, quando fosse o caso, a ação dos agentes exógenos, presentes na paisagem, que modificam o relevo. As fotografias foram socializadas entre os membros de cada grupo, que se reuniram e fizeram a identificação da forma de relevo, do seu agente causador ou modificador e a identificação do local onde a foto foi tirada.

Na quinta etapa foi proposta a elaboração de um trabalho que reunisse as fotos e as identificações das formas de relevo produzidas por eles e a apresentação desse trabalho em sala de aula, socializando os resultados com os demais colegas de turma. Após cada apresentação, foi aberto um espaço para o diálogo com os colegas, para que fizessem perguntas e ouvissem esclarecimentos sobre as imagens e as áreas onde foram realizados os registros fotográficos.

O uso da fotografia no estudo do relevo: apresentando resultados

Os trabalhos apresentados pelos grupos de alunos foram muito diversificados, variando a escolha de formas de relevo, os locais de registro, os elementos utilizados para identificação das formas e a análise das dinâmicas envolvidas em cada ocorrência registrada.

Dessa forma, são relatados aqui alguns trabalhos que refletem essa diversidade. Explicita-se que, respeitando uma conduta ética para a elaboração do presente trabalho, os nomes dos alunos foram omitidos por serem todos adolescentes.

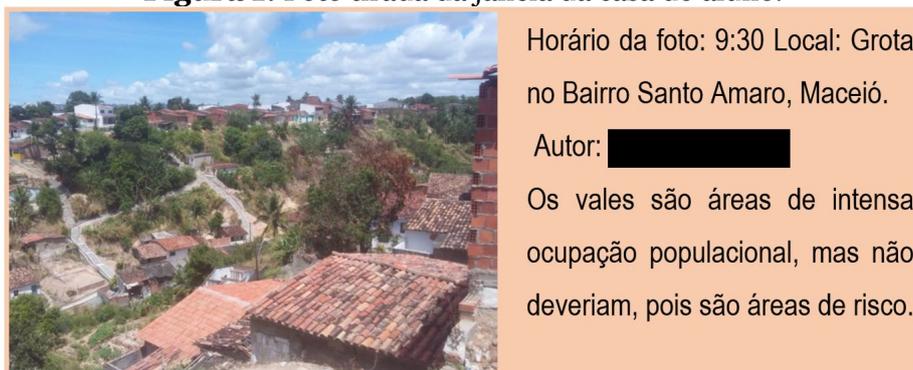
Primeiro, será ressaltado o reconhecimento feito pelos alunos do lugar onde vivem.

Segundo Callai (2004, p. 2),

na nossa vida, muitas vezes sabemos coisas do mundo, admiramos paisagens maravilhosas, nos deslumbramos por cidades distantes, temos informações de acontecimentos exóticos ou interessantes de vários lugares que nos impressionam, mas não sabemos o que existe e o que está acontecendo no lugar onde vivemos.

Nesse sentido, determinadas falas dos alunos como: “*parece que eu estou vendo esse lugar pela primeira vez*”, mostram um (re)descobrir do seu lugar, pois alguns trabalhos revelaram fotos dos locais de moradia dos discentes (Figura 1). Nessas imagens, o olhar se volta para seu local de vivência, não apenas como uma localização geográfica, mas também um lugar rico em significados e sentimentos. Nesse sentido, nos referimos a lugar como “o espaço que se torna familiar ao indivíduo, . . . o espaço vivido, . . . experienciado” (Cavalcanti, 1998, p. 89). Essas características ficaram evidentes nas apresentações emocionadas ao retratar as maneiras como as ações antrópicas afetam de forma negativa essas áreas.

Figura 1: Foto tirada da janela da casa do aluno.



Nota: Acervo dos autores.

A análise crítica de algumas situações, como a ocupação desordenada das encostas, o desmatamento e problemas de saneamento, suscita reflexões sobre o papel do Estado e da comunidade na solução dos problemas, lançando um olhar questionador sobre o que cada um poderia fazer para contribuir com a melhoria do seu lugar.

As apresentações deveriam utilizar fotos tiradas pelos próprios alunos, no entanto uma apresentação utilizou fotos do interior do estado da Bahia (Figura 2). Ao ser questionado sobre a origem das fotos, o aluno respondeu que o seu pai, que é caminhoneiro, estava passando pela cidade de Lençóis, na Chapada Diamantina, assim, o aluno pediu para que o pai tirasse algumas fotos da chapada e as enviasse para ele. O professor elogiou a iniciativa e parabenizou o pai pelo auxílio prestado. O aluno revelou que o pai enviou várias fotos, mas que a qualidade não era muito boa, pois ele não tinha muita habilidade com fotos e tão pouco sabia, necessariamente, o que teria que fotografar, por isso a maioria das fotos foram descartadas. No entanto, por menor que seja, o apoio familiar é importante para estimular o aluno no processo de aprender. Nesse sentido, ressaltamos a importância que a participação da família teve no desenvolvimento de um dos trabalhos.

Figura 2: Trabalho realizado com o apoio da família do aluno.



Nota: Acervo dos autores.

Segundo Chechia e Andrade (2002), a participação dos pais na vida escolar dos filhos tem apresentado um papel importante no desempenho acadêmico, no entanto os pais nem sempre conseguem atingir os objetivos, muitas vezes por falta de entendimento pedagógico, outras vezes porque auxiliam e acompanham as tarefas com base no nível escolar que tiveram, o que, em muitos casos, é baixo ou até mesmo ausente, tornando difícil o auxílio.

Nesse caso, fica clara a importância da participação dos pais no processo educativo. Mesmo que o auxílio prestado tenha suas limitações, ele serve de estímulo para que o aluno avance em seus estudos. Além disso, a participação familiar não precisa ser necessariamente acadêmica; a experiência dos mais velhos pode lançar luz sobre situações complexas, auxiliando no desenvolvimento de uma solução, porém o que realmente importa é que o aluno possa contar com o apoio familiar.

A dinâmica acelerada do mundo moderno nos impõe um ritmo de vida que muitas vezes nos cega para coisas que estão ao nosso redor. Às vezes passamos pelo mesmo local todos os dias e não o enxergamos como são, suas nuances, formas, cores etc. Esse passar e não perceber cria um desconhecimento sobre o espaço que nos cerca, invisibilizando lugares e problemas. Isso fica claro nas falas de dois alunos, quando afirmaram: “*eu nunca tinha visto isso*” e “*nem parece o caminho que a gente faz até a escola*”. As duas falas se referem a áreas pelas quais os alunos transitam diariamente, assim, os dois relatos demonstram como o trabalho com a fotografia possibilitou trazer à luz ambientes invisibilizados pelos alunos.

Nesse sentido, alguns trabalhos registraram formas de relevo que estão próximas à escola, algumas puderam ser fotografadas de dentro da própria escola (Figura 3) ou na proximidade do ponto de ônibus (Figura 4). Nesses trabalhos, vale destacar que alguns alunos se manifestaram informando que não tinham pensado nessas áreas como formas de relevo, o que reforça a necessidade de os estudos de Geografia alargar o olhar para a realidade vivida, desenvolvendo uma visão crítica do mundo que os cerca.

Figura 3: Foto tirada de dentro da escola retratando o relevo do entorno.



Nota: Acervo dos autores.

Figura 4: Foto tirada nas proximidades do ponto de ônibus, próximo à escola.

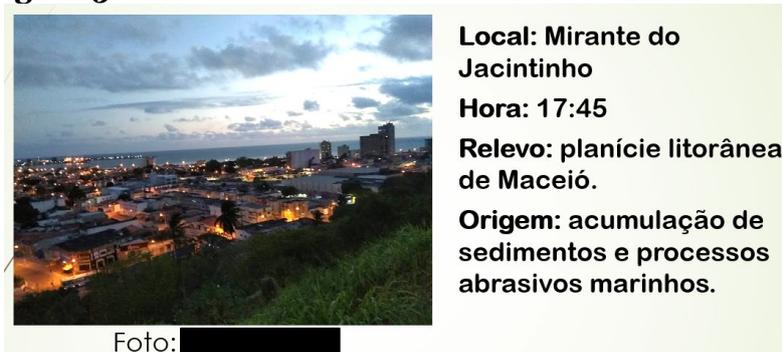


Nota: Acervo dos autores.

Em todos os casos de registro de áreas próximas à escola, os autores conseguiram identificar corretamente os agentes atuantes sobre as formas do relevo, com destaque para a ação antrópica. Vale salientar que, além de ter sido permitido, foi valorizado que os alunos expressassem livremente a sua compreensão sobre o assunto, mais do que a utilização de termos técnicos, tendo em vista estar sendo levado em consideração o fato de que eles, dentro da sua forma de se expressar (Figura 3 e 4), demonstrassem que tinham compreendido o conteúdo e conseguido fazer a relação com o seu cotidiano.

O último trabalho, aqui relatado, fez um resgate dos mirantes da cidade de Maceió (Figura 5), alguns relativamente próximos à escola. Esse trabalho se destacou por apresentar áreas que, apesar da facilidade de acesso e algumas serem próximas à escola, se mostraram desconhecidas para a maioria dos alunos.

Figura 5: Foto tirada de um dos mirantes da cidade de Maceió.



Nota: Acervo dos autores.

Nesse sentido, fica claro que cabe à Geografia escolar ampliar a noção que se tem do espaço vivido, superando a percepção espontânea da realidade, tornando a busca pelo conhecimento uma ação constante e consciente.

A fotografia no estudo do relevo: contribuições para formação do professor de Geografia

Entre os objetivos do PIBID está a inserção dos licenciandos no cotidiano escolar da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes que favoreçam a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem, bem como contribuir para a articulação entre teoria e prática. Assim, a atividade apresentada no presente trabalho também objetivou contribuir com a formação dos licenciandos bolsistas do PIBID.

Quando o tema é a formação do professor de Geografia, Castellar e Vilhena (2010) afirmam que há um vácuo entre as mudanças que ocorrem na Geografia acadêmica e na escolar, sendo comum a ocorrência de contradições entre os conhecimentos abordados nas universidades e os estudados nas escolas da Educação Básica. Esse distanciamento entre universidade e escola dificulta a relação teoria e prática e, conseqüentemente, o processo de mediação entre o conhecimento acadêmico e o saber escolar.

A ausência de conexão entre teoria e prática também favorece uma fragilidade na formação docente que se reflete na dificuldade, por parte dos professores, da escolha dos conteúdos a serem lecionados. Para Castellar e Vilhena (2010, p. 1-2), essa ação

deveria estar relacionada com uma concepção geográfica para que se possam fundamentar a seleção dos objetivos e a maneira como será ensinada. No entanto, quando as escolhas são feitas, acabam-se negando determinados conteúdos, por não se ter clareza quanto ao modo como trabalhar ou mesmo em relação às concepções conceituais que precisam ser exploradas.

Em diversos cursos de formação de professores, constatamos a veracidade dessa informação, ao verificar que muitos conteúdos e conceitos ligados às áreas de cartografia e à geografia da natureza são muitas vezes deixados de lado.

A fragilidade na relação entre teoria e prática, que por sua vez gera, entre outros problemas, a dificuldade em escolher conteúdos e traçar objetivos, prejudica a busca por novas propostas pedagógica-metodológicas que favoreçam a compreensão, apropriação e aplicação dos conteúdos estudados pelos alunos, fazendo com que os conteúdos ligados à Geografia Física e, conseqüentemente, à Geomorfologia sejam transmitidos de forma abstrata e descontextualizada da vivência dos alunos. Em muitos casos, o foco principal é o saber enciclopédico, no qual a memorização das informações se torna o centro das aulas e o objetivo das atividades avaliativas. Dessa forma, os conteúdos ensinados, ligados a Geografia Física na

Educação Básica, não têm um papel transformador, sendo rapidamente esquecidos após a realização de provas e testes (Castellar & Vilhena, 2010).

Contribuindo com o processo de formação dos pibidianos, o trabalho aqui apresentado possibilitou a realização de várias atividades inerentes à profissão docente, auxiliando na aquisição de conhecimentos específicos do fazer diário do professor e no desenvolvimento profissional.

A primeira ação foi o planejamento das aulas e nele a escolha dos assuntos a serem trabalhados em sala de aula. Essa atividade colocou os professores em formação diante deste dilema: o que ensinar? Assim, foi estimulada a reflexão sobre quais seriam os objetivos de aprendizagem a serem alcançados em cada aula, para que os professores em formação pudessem compreender que o conteúdo, apesar de sua importância, pois sem conteúdo não há aprendizagem, não é um fim em si mesmo e que ele deve ser visto como o caminho para alcançar os objetivos de aprendizagem e não o elemento definidor da aula. Segundo Scarinci e Pacca (2015), os objetivos de ensino são comumente confundidos com os conteúdos, não havendo de fato planejamento, já que o professor, na maioria das vezes, tem como condutor de sua aula o sumário do livro didático. “Como consequência dessa falta de habilidade em planejamento, as aulas ficam truncadas e sem um eixo de construção conceitual que confira alguma unidade às várias atividades e que seja capaz de orientar as ações docentes no diálogo com o aluno” (Scarinci & Pacca, 2015, p. 255).

Definidos os objetivos e escolhidos os assuntos pertinentes, buscou-se determinar as melhores estratégias de ensino. Nesse aspecto, foram priorizados recursos com foco no uso de imagens, considerando a natureza e o objetivo do trabalho, utilizando para isso computador, projetor (Datashow) e programas de computador como PowerPoint, Word e Adobe Acrobat. Essa experiência revelou que os pibidianos possuíam pouco ou nenhum conhecimento dessas ferramentas digitais, o que levou o professor supervisor a trabalhar com eles o uso desses recursos. Além disso, foi realizada uma análise cuidadosa do livro didático, buscando entender como ele abordava os conteúdos e as imagens utilizadas. Essa análise crítica contribuiu para que fosse definido como estratégia de ensino, além do uso de imagens encontradas no livro didático (desenhos ou fotografias), o emprego de outras imagens encontradas na internet, escolha essa que se deu pelo fato de as imagens presentes no livro serem limitadas, já que algumas são desenhos idealizados e não fotografias, além de serem insuficientes para se observar uma forma de relevo de vários ângulos. Com essa ação, pôde-se ampliar, para os alunos, as abordagens sobre os temas contidos no livro, bem como facilitar a compreensão sobre o conteúdo abordado.

Essa estratégia mostrou aos pibidianos que o livro didático não é a única fonte de informação e consulta para os alunos ou, principalmente, para o professor, devendo este último buscar múltiplas fontes e formas de trabalhar os conteúdos.

Durante as reuniões de planejamento, foi determinado que uma forma de auxiliar a aprendizagem dos alunos seria a aplicação de um exercício e resolução de problemas sobre o assunto trabalhado, já que, segundo Soares e Pinto (2001), tanto os exercícios quanto os problemas têm seu valor, pois auxiliam o processo e aprendizagem e proporcionam ganhos cognitivos e habilidades diferenciadas. Enquanto o exercício auxilia no processo de fixação de um conhecimento, sendo essencialmente operacional, a resolução de problemas busca a aplicação do conhecimento, desenvolvendo o raciocínio e o pensamento produtivo (Dante, 1998).

Diante do exposto, optou-se pela aplicação do exercício e resolução de problemas nos vinte minutos finais de cada aula, pois assim os alunos teriam a oportunidade de operacionalizar os conhecimentos e desenvolver o raciocínio, tendo o auxílio, quando necessário, do professor e dos pibidianos. Essa estratégia exigiu que os bolsistas de Iniciação à Docência (ID) elaborassem os exercícios, levando alguns deles a terem o primeiro contato com esse tipo de atividade, além de criar situações problema que levassem os alunos a buscarem soluções a partir dos conhecimentos adquiridos. Vale salientar que o professor deve desenvolver a habilidade de criar seus próprios exercícios, questões, provas etc., como parte do processo de ensino-aprendizagem, já que assim o professor pode aproximar esses instrumentos avaliativos da realidade do aluno e do que foi desenvolvido em sala de aula.

Para dinamizar as aulas e tornar o aprendizado mais instigante, se estabeleceu nas reuniões de planejamento o uso de uma atividade lúdica como parte das estratégias de aprendizagem, pois esse tipo de atividade favorece o desenvolvimento do interesse dos alunos pelo que se está estudando, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais prazeroso. Dessa forma, os pibidianos participaram de todas as etapas de elaboração, desde a escolha do tipo de atividade, o jogo, até a escolha das imagens a serem utilizadas. Esse processo permitiu aos professores em formação perceberem que o trabalho do professor precisa ser realizado com antecedência, bastante planejamento e intencionalidade.

Por fim, os pibidianos participaram ativamente das aulas e da organização das equipes de trabalho, interagindo diretamente com os alunos e auxiliando a execução das atividades dos grupos, agindo como coordenadores das ações dos alunos.

Considerações finais

O desenvolvimento do trabalho mostrou que o uso da tecnologia pode e deve ser um aliado no processo de ensino-aprendizagem, auxiliando o professor a desenvolver atividades que tornem o aluno responsável pelo seu aprendizado, bem como mostrando ao discente que o uso da tecnologia pode ser direcionado para atividades produtivas e educativas.

Trabalhar com a observação da paisagem através do uso da fotografia para identificar as formas de relevo se mostrou uma metodologia capaz de despertar o interesse do aluno por

seu ambiente, levando-o a descobrir formas de relevo que, a princípio, escapavam da sua percepção, e aprimorar o olhar, a sensibilidade e a aplicação técnica do que se estudou em sala.

As apresentações mostraram que os alunos (re)descobriram as paisagens por onde transitam, identificando formas de relevo e lugares que cotidianamente passavam despercebidos. A socialização do trabalho permitiu que alunos que conheciam as áreas retratadas se surpreendessem com as imagens, alguns pela beleza, outros pelas formas.

A execução do trabalho pôde contribuir com a formação dos novos professores, bolsistas do PIBID, pois proporcionou uma série de experiências educacionais de forma ativa, aliando teoria e prática no fazer pedagógico.

Assim, o trabalho com fotografia para o estudo do relevo se mostrou fecundo, possibilitando aos alunos se expressarem livremente e demonstrarem sua compreensão do que foi estudado em sala, articulando, dessa forma, os conhecimentos adquiridos em sala com a sua realidade.

REFERÊNCIAS

- Antônio Filho, F. D. & Dezan, M. D. S. (2014, 7-9 de abril). A fotografia como instrumental no ensino de geografia: uma proposta de material pedagógico para uso em sala de aula. [Apresentação oral]. *II Congresso Nacional de Formação de Professores*, Águas de Lindoia. <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/141651>.
- Bertolini, W. Z. & Valadão, R. C. (2009). A abordagem do relevo pela geografia: uma análise a partir dos livros didáticos. *Terræ Didática*, 5 (1), pp. 27-41. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/td/article/view/8637500>
- Cacete, N. H. (2015). Formação do professor de geografia: sobre práticas de ensino e estágio supervisionado. *Revista da Casa da Geografia de Sobral*, 17 (2), pp. 3-11. <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:XbQ4pwxz5mMJ:https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5156907.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>
- Callai, H. C. (2005). Aprendendo a ler o mundo: A Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental. *Cad. Cedes*, 25 (66), pp. 227-247. <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/7mpTx9mbrLG6Dd3FQhFqZYH/?lang=pt&format=pdf>
- Callai, H. C. (2004, 16-18 de setembro). O estudo do lugar como possibilidade de construção da identidade e pertencimento. [Apresentação oral]. *VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*, Coimbra. <https://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/HelenaCallai.pdf>
- Cardoso, C. & Silva, M. S. (2018). Geografia Física: formação docente e práxis na sala de aula. In: C. Cardoso, M. S. Silva, *A geografia física: teorias e práticas no ensino de geografia*. (pp. 21-38). Appris.
- Castellar, S. & Vilhena, J. (2010). *Ensino de Geografia*. Cengage Learning.
- Cavalcanti, L. S. (1998). *Geografia, escola e construção de conhecimentos*. Papirus.
- Chechia, V. A., & Andrade, A. S. (2002). Representação dos pais sobre o desempenho escolar dos filhos. [Apresentação oral]. *Livro de Resumos*. Ribeirão Preto: FFCLRP-USP. <https://repositorio.usp.br/item/001294942>
- Costa, M. A. & Oliveira, J. G. R. (2020). Os temas físico-naturais nos livros didáticos de geografia da rede pública de ensino: um estudo de caso de Uraí/PR. *Revista Brasileira de Educação em*

- Geografia*, 10 (19), p. 504-524.
<https://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/751>
- Dante, L. R. (1998). *Didática da Resolução de Problemas de Matemática*. (2ª ed.). Ática.
- Firmino, L. C. & Martins, R. E. M. W. (2017). Imagens-clichês e livros didáticos: reflexões para o ensino de Geografia. In: I. M. Tonini, L. B. Goulart, M. M. Santana Filho, R. E. M. W. Martins & R. Z. Costella (orgs.). *O livro didático de Geografia e os desafios da docência para a aprendizagem*. (pp. 103-112). Editora Sulina.
- Guerra, A. J. T. & Frota Filho, A. B. (2018). Geomorfologia e o ensino da Geografia. In: C. CARDOSO, & M. S. SILVA, *A geografia física: teorias e práticas no ensino de geografia*. (p. 21-38). Appris.
- Nogueira, J. R. A.; Cabral, L. K. S.; Silva, R. K. R. & Silva, I. F. [2016, 18-22 de outubro]. [Apresentação oral]. O uso da fotografia como estratégia para o ensino de ciências sociais nas séries iniciais. *XI Semana Universitária*, Mineiros.
https://www.unifimes.edu.br/admin/siterapido/uploads/semana/xi_semana/humanas/O%20USO%20DA%20FOTOGRAFIA%20COMO%20ESTRATEGIA%20PARA%20O%20ENSINO%20DE%20CIENCIAS%20SOCIAIS%20NAS%20SERIES%20INICIAIS.pdf.pdf
- Nóvoa, A. [2016]. O lugar da licenciatura. *Revista Educação*. <http://www.revistaeducacao.com.br/o-lugar-da-licenciatura/>.
- Santos, L. A. & Luiz, E. L. [2019]. Ensino dos Conteúdos sobre Relevo na Geografia Escolar: análise de uma coleção de livros didáticos dos anos finais do ensino fundamental. *Geografia*, 28 (2), pp. 233-248.
https://www.researchgate.net/publication/334475418_Ensino_dos_conteudos_sobre_relevo_na_Geografia_Escolar_analise_de_uma_colecao_de_livros_didaticos_dos_anos_finais_do_ensino_fundamental
- Scarinci, A. L. & Pacca, J. L. A. [2015]. O planejamento do ensino em um programa de desenvolvimento profissional docente. *Educação em Revista*, 31 (2), pp. 253-279.
<https://www.scielo.br/j/edur/a/dMxqvG7hnzTcf8sMxbrgy8d/abstract/?lang=pt>
- SILVA, I. F. F.; Santos, F. K. F.; Silva, L. L. & Canêjo, V. P. [2017, 10-14 de setembro]. A fotografia como recurso mediático no ensino de geografia: a paisagem urbana em múltiplos olhares e convergências. [Apresentação oral]. *XIII Encontro nacional de prática de ensino em geografia*, Belo Horizonte.
<http://www.revista.ufpe.br/ensinodegeografia/index.php/ensinodegeografia/article/view/6>.
- Soares, M. T. C. & Pinto, N. B. (2001). Metodologia da resolução de problemas. [Apresentação oral]. *24ª Reunião ANPEd*, Caxambu.
- Tardif, M. (2014). *Saberes docentes e formação profissional*. (16ª ed.). Vozes.
- Val, R. M. G. & Ferraz, C. B. O. [2009, 30 de agosto a 02 de setembro]. A linguagem imagética na escola e no ensino da geografia. [Apresentação oral]. *X Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia*, Porto Alegre.